O NACIONALISMO, AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E AS BATATAS, POR REBECCA EARLE

THE NATIONALISM, THE EDUCATIONAL PRACTICES AND THE POTATOES, BY REBECCA EARLE

EL NACIONALISMO, LAS PRÁCTICAS EDUCATIVAS Y LAS PATATAS, POR REBECCA EARLE

Ana Carolina de Carvalho Viotti[1]

Resumo: Rebecca Earle, especialista em história cultural da América Espanhola e pesquisadora do Departamento de História da Universidade de Warwick, Reino Unido, fala, nesta entrevista, de sua trajetória de pesquisa, do papel das identidades nacionais e da alimentação como práticas educativas na América, bem como das temáticas concernentes ao corpo na pesquisa histórica. Autora de significativa obra – com destaque para "The return of the Native. Indians and Mythmaking in Spanish America, 1810-1930," e "The Body of the Conquistador. Food, race and the colonial experience in Spanish America, 1492-1700" –, e conhecida por realizar pesquisas fundamentadas nas mais diversas fontes, a professora Rebecca Earle comenta, ainda, sua pesquisa em desenvolvimento sobre a pintura de *castas*, além dos desafios do pesquisador anglófono, em particular, para tratar das terras encontradas por Colombo.

Palavras-chave: Rebecca Earle, práticas educativas, nacionalismo, alimentação, historiografia.

Abstract: Professor Rebecca Earle, cultural historian of Spanish America at the University of Warwick, UK, talks in this interview about her trajectory as researcher, the role of national identities and food as educative practices in America, as much as the body as subject to history studies. Professor Earle is author of significant work – as "The return of the Native. Indians and Mythmaking in Spanish America, 1810-1930," and "The Body of the Conquistador. Food, race and the colonial experience in Spanish America, 1492-1700" –, and known for conducting instigating researches, also for her ability to deal with several sources. Here, she also comment on her ongoing research on the distinctive Spanish American pictorial genre known as *casta* painting, and the challenges of the Anglophone researcher, in particular, to talk about the lands found by Columbus.

Key words: Rebecca Earle, educational practices, nationalism, food, historiography.

[1] Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/Campus Franca (UNESP), Franca, SP, Brasil. E-mail: carolviotti@gmail.com

Resumen: Rebecca Earle, historiadora de la cultura de la América española y pesquisidora en el Departamento de Historia, Universidad de Warwick, Reino Unido, habla en esta entrevista de su trayectoria de investigación, el papel de las identidades nacionales y la alimentación como prácticas educativas en América, y también acerca del cuerpo como un tema de la investigación histórica. Autora de trabajos importantes – como "The return of the Native. Indians and Mythmaking in Spanish America, 1810-1930," e "The Body of the Conquistador. Food, race and the colonial experience in Spanish America, 1492-1700" –, y destacada por el trato con varias fuentes, la profesora Rebecca Earle también habla acá de su investigación en curso sobre la pintura de *casta*, y los desafíos de los investigadores de lengua inglesa, en particular, para pesquisar acerca de las tierras encontradas por Columbus.

Palabras clave: Rebecca Earle, prácticas educativas, nacionalismo, alimentación, historiografía.

Apresentação

Rebecca Earle é doutora em História, pesquisadora e professora do Departamento de História da Universidade de Warwick, localizada em Coventry, Grã-Bretanha, ou, como ela mesma diz, "uma historiadora cultural da América espanhola". Transitando entre temas como a formação das identidades nacionais pós-independência em diversas porções americanas e a alimentação no período colonial, suas pesquisas podem ser definidas por um longo alcance geográfico e um uso eclético das fontes – que vão de jornais, cartas e crônicas a iconografia. De sua produção acadêmica,[2] destacam-se "The return of the Native. Indians and Mythmaking in Spanish America, 1810-1930," (2008) e "The Body of the Conquistador. Food, race and the colonial experience in Spanish America, 1492-1700" (2012), para citar apenas dois exemplos. Ambos os títulos receberam destaque na *Conference on Latin America History* (2008 e 2013, respectivamente) com o *Bolton-Johnson Prize* e foram especialmente abordados ao longo desta entrevista. Essa, aliás, foi-me gentilmente concedida em 02 de junho de 2014, em seu escritório na Universidade de Warwick, durante meu estágio de pesquisa sanduíche junto ao King's College London.

O leitor, nas linhas que se seguem, terá a oportunidade de revisitar a trajetória de pesquisa desta historiadora latino-americanista e conhecer seus projetos em desenvolvimento. Além disso, encontrará suas impressões sobre uma questão entremeada em sua produção, a saber: de que forma as relações das elites com o nacionalismo, ou as prescrições alimentares, ou,

[2] Outras publicações, conferências e cursos elaborados pela pesquisadora podem ser encontrados em sua página na Universidade de Warwick: http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/cas/staff/earle

ainda, a retratação dos nativos em pintura, acabam por revelar a formação de diversas práticas educativas – formam valores, criam tensões entre grupos sociais distintos, imbricam-se no cotidiano.

As obras da Professora Rebecca Earle, que ainda não possuem tradução para o português, são um valoroso exemplo de uma linha de pesquisa que conjuga a história da medicina, do corpo, da alimentação e os aspectos morais dos nativos americanos, contribuindo para uma significativa guinada nos estudos coloniais. A partir de questões amplas e novas para documentos conhecidos, bem como de fontes por tempos negligenciadas, são trazidos ao centro do palco temas outrora desconsiderados, fomentando uma visão sobre o mundo colonial muito mais precisa e mostrando as nuanças que envolveram o processo de colonização dessas terras.

Ana Carolina C. Viotti: Poderíamos começar falando sobre sua trajetória acadêmica?

Professora Rebecca Earle: Bom, eu cheguei à história latino-americana de forma bastante indireta. Fiz minha graduação em Matemática, nos Estados Unidos, e vim para a Grã-Bretanha nos anos 1980 para cursar o Mestrado – um M. Sc.[3] – na Universidade de Warwick, quando eu me dei conta, naquele nível, que não era tão boa com contas. Durante esse período, por várias e diversas razões, eu comecei a me interessar muito pela política na América Latina: eram os anos 80, havia muita preocupação sobre a intervenção dos Estados Unidos na América Central; eu estava politicamente interessada sobre a região, envolvida com algumas organizações políticas. Na verdade, conhecer latino-americanos me deixou mais interessada pela história da região; conheci diversos historiadores, cientistas políticos e acadêmicos – comecei a me envolver com tal tópico a partir desse caminho. Hoje, acho que comecei esses estudos de uma forma bem ingênua, sem saber ao certo o que estava fazendo – estou muito feliz por tê-lo feito, no entanto, não acho que tinha uma ideia muito sofisticada sobre o que e como seria um doutorado em história da América Latina. Na verdade, creio que aprendi muito enquanto realizava meus estudos.

Acredito que meu primeiro trabalho publicado, que foi resultado da minha tese de doutorado, é bem típico do tipo de produção que estava sendo feita na Grã-Bretanha nos anos 1980: muito, muito sólido, muito empírico. Ao longo das décadas, passei a me interessar paulatinamente por história cultural, em questões metodológicas em História, tentando pensar sobre questões maiores – questões que não sei se teria a coragem necessária

[3] Um 'Master of Science' (do latim *Magister Scientiae*; abreviado como M.Sc., M.Sci., M.Si., Sc.M., M.S., MS) é um título de mestrado academic comum em universidades de vários países, mas não no Brasil, especialmente nas áreas de ciências, engenharia ou medicina.

para tratar quando era estudante de pós-graduação. Vejo minha trajetória como um caminho que parte de um estudo muito focado, específico, detalhado e empírico para a tentativa de olhar para questões maiores.

Ana Carolina C. Viotti: Em "*The return of the Native. Indians and Mythmaking in Spanish America, 1810-1930,"* a senhora empreende um estudo comparativo de fôlego sobre a forja da identidade nacional pelas elites da Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala, México e Peru. Neste trabalho amplamente elogiado, fica latente que não é possível afirmar que houve um único e constante projeto por parte dessas elites, mas ações que variaram por diferentes razões e necessidades. Gostaria que a senhora discorresse sobre dois pontos: 1) a execução de um trabalho extenso, que englobou diversas e distintas realidades coloniais em pouco mais de um século; 2) as escolhas e limites necessários a um estudo comparativo.

Professora Rebecca Earle: Acredito que o meu maior interesse naquele projeto estava em identificar características comuns na história do período pós-colonial da América Espanhola como um todo. Embora fosse possível realizar um tipo de estudo com paralelos, completamente voltado para as diferenças entre as formas pelas quais esses projetos nacionais foram levados a cabo, eu realmente queria dizer algo sobre as características comuns, porque elas eram tão impactantes e poderosas. E, ainda, quando se analisa as histórias do século XIX, percebe-se que, na maior parte dos casos, elas dispendem a maior parte de seu tempo tentando explicar, por exemplo, como a história da Argentina era um pouco diferente da história do México.

Penso que isso nos revela o poder do estado nacional como uma categoria mental para os historiadores – que os historiadores são muito seduzidos pela linguagem do nacionalismo –, e acabamos pensando nisso como uma unidade natural para explicar distinções entre trajetórias nacionais diferentes. E é claro que há distinções, mas eu acredito que a "mágica" do nacionalismo acaba lhe cegando sobre as características comuns, e isso acabou me impressionando. Assim, minha pretensão era fazer um projeto sobre as características comuns, sobre categorias mentais comuns.

Acho que o maior desafio foi aprender coisas que eu não tinha familiaridade como pesquisadora. Meu doutorado tratava do período de independência da Colômbia, num período e espaço bastante específicos. Então, nessas pesquisas posteriores, tive que ler muito para sentir que sabia o suficiente para escrever sobre a história dessas regiões sem cometer erros. Isso foi desafiador. Também foi um desafio acreditar que era vantajoso, interessante, estabelecer essas relações, e que seria possível sintetizar todo esse material. As vantagens foram trabalhar com uma região que possui uma língua comum – então não foi como esses impressionantes projetos em g*lobal*

history, onde as pessoas tentam traçar algo ao redor do mundo todo, tendo que trabalhar com dezesseis línguas diferentes e ter de formar um grande grupo de pesquisadores –, quero dizer que foi linguisticamente mais direto; há excelentes arquivos dedicados à América Latina: o acesso aos documentos, por exemplo, não apresentou grande dificuldades.

Ana Carolina C. Viotti: Ainda sobre "*The return of the Native",* a senhora vê na história elaborada pelas elites americanas – fosse ela de exaltação ao *indigenismo* ou de proximidade dos espanhóis pelos *criolos*, como na exaltação de Cortés como "pai da nação" – a tentativa de "educar" a população para um fim comum? Dito de outro modo, de que maneira a crença da população num passado comum pôde auxiliar a elite *criola* na dominação pós-independência?

Professora Rebecca Earle: Acredito que nesse livro meu projeto foi pensar sobre os imaginários dessas elites políticas, econômicas e intelectuais. Nesse trabalho, não estava preocupada em argumentar sobre o impacto de suas ideias, mas sim em como eles pensavam, como eles viam a nação, como eles entenderam uma identidade nacional; ao fim, me interessei mais em entender como eles pensavam na instrumentalização desses pensamentos.

A questão de quanto útil foram esses pensamentos para forjar as identidades nacionais é muito boa e, de algum modo, é uma pergunta diferente daquela que propus na obra – é, de fato, uma questão complicada. Há, certamente, outros pesquisadores que trataram especificamente dessa matéria e que poderiam responder tal questão de maneira mais completa ou melhor. Refiro-me, especialmente, aos pesquisadores que trabalham os *subaltern studies*. Eu me voltaria a esses estudiosos para poder tentar responder adequadamente sua questão, ao invés de tomar meu próprio trabalho para isso.

Ana Carolina C. Viotti: Há um aparente deslocamento em seus objetos de pesquisas – entre o estudo do passado (e dos mitos) como formador da identidade nacional, especialmente das elites, que acabamos de falar, para a observação das roupas, do consumo, da alimentação e das relações raciais coloniais. Há, também, um deslocamento temporal, do século XIX ao período que vai do início da colonização ao Setecentos. De que forma ocorreu esse movimento e quais as conexões entre esses diferentes objetos de estudo?

Professora Rebecca Earle: Suponho que o que conecta "The return of the nature" e "The body of the Conquistador" é, maiormente, a questão sobre as categorias mentais presentes nas elites. Então, para "The return of the nature", voltei-me mais para ideias de indivíduos altamente poderosos

e articulados, política e economicamente, do século XIX; sobre como eles encararam sua identidade em relação à nação e ao passado da nação, como esse passado foi construído. No livro sobre alimentação, por sua vez, quis pensar em como os leigos espanhóis entenderam a experiência física do colonialismo.

De algum modo, são projetos bastante próximos: vislumbro cronologias distintas, mas as questões levantadas são sobre um mesmo "mundo mental" das elites políticas e econômicas. Nos dois casos, estava interessada em como essas ideias poderiam ser melhor estudadas, acredito eu, não pelo prisma da "nação", mas pela ideia de "espaços mentais" das pessoas da época. Para entender esses espaços, é preciso distanciar-se um pouco do mapa, assim é possível observar um quadro maior. Vejo uma enorme continuidade, na verdade, nesses dois projetos que, à primeira vista, podem parecer tão distintos.

Ana Carolina C. Viotti: De saída, em seu último livro "*The Body of the Conquistador. Food, race and the colonial experience in Spanish America, 1492-1700*", a senhora afirma que foi interrogada muitas vezes sobre a existência de fontes para tratar das relações sobre alimentação no período colonial. Poderia falar um pouco sobre o levantamento desses documentos e as implicações/desafios em trabalhar com múltiplas fontes?

Professora Rebecca Earle: Como historiadora, creio que parte do que queria com o uso de fontes plurais e que realmente me interessou foi entender como todos nós, não apenas os historiadores, somos aptos a perceber apenas o que estamos mentalmente preparados para ver no mundo que nos cerca. Você não vai lá fora e "vê as coisas que estão lá": só repara em coisas que fazem sentido para você, embora colocar desse modo possa parecer muito abstrato.

No caso de pesquisar sobre a alimentação, quando eu estava começando, a todos que perguntava e que tinham conhecimento sobre o século XVI: "você já notou algo sobre alimentação em suas fontes?" – e eu falo de pessoas que estudavam as colônias inglesas nos séculos XVI e XVII – "eu tenho percebido isso, isso e aquilo nas fontes sobre a América espanhola, você vê algo semelhante para os documentos do século XVII nas possessões britânicas?", recebia sempre a mesma resposta: "não, não, ninguém nunca fala disso; não há nada sobre isso nas fontes". Confesso que achei isso meio surpreendente e talvez devesse checar as fontes eu mesma. Nesse movimento, qual foi minha surpresa ao me deparar com uma enorme quantidade de informações. Ocorre que esses assuntos não eram interessantes a esses pesquisadores, então simplesmente não se lembravam desse tipo de dado. Eu mesma, é claro, também não percebo uma grande quantidade de infor-

mações que não me interessam. Em suma, o que seguiu como questão foi essa espécie de ideia corrente de que não haveria material para se pensar sobre alimentação porque não se falava sobre ela na documentação, ideia reafirmada porque os historiadores, que não se interessavam estritamente sobre as implicações do comer, não olhavam ou pesquisavam a matéria. Isso não mudou muito: a alimentação não se tornou "o" grande tema de pesquisa ou interesse dos estudiosos, mas parte deles passou a dar atenção ao assunto.

A questão sobre os gêneros de fontes é particularmente instigante e é um dos riscos de ter uma abordagem eclética dos documentos a ser empregados. É fácil justificar o uso de diferentes tipos de materiais: ajuda a ter uma visão mais completa do quadro estudado. Não creio que há quem discorde de que a pluralidade de fontes amplia o olhar. O ponto é se o pesquisador tem a habilidade e o conhecimento interpretativos necessários para tratar de diferentes tipos de documentos. Essa é, ao fim, a questão e o desafio. Ninguém diria que só é possível estudar determinado assunto através de pinturas e que seria impossível conjugar outros documentos; ao contrário, penso que o alerta seria o de que se se decide usar outras fontes sem saber manejá-las, há uma grande chance de cometer erros de interpretação. Ter, então, o aparato analítico para essa empreita, caracterizou-se como um desafio.

Quando eu estava trabalhando no "The return of the nature", minha grande preocupação era aprender sobre a historiografia desses países que pouco conhecia em termos do século XIX, das pesquisas sobre o século XIX. Foi desafiador entrar em contato com tipos de fontes que não me eram familiares até então. O que tentei, então, foi ler muito. Procurei falar com especialistas na área, tentei apreender que tipos de debates estavam acontecendo acerca desses diferentes tipos de materiais. Suponho que foi um dos riscos desse trabalho, também. E é interessante que, até agora, não há críticas nesse sentido. Há algumas, por exemplo, sobre o significado que atribuí à ideia de "raça", o que me levou a crer que, talvez, não tenha deixado claro nesse livro o que eu realmente pensava. Por exemplo, há pessoas que dizem que eu defendo coisas que eu jamais pensei e que me fazem acreditar que eu não expliquei alguns pontos tão claramente quanto deveria ter explicado.

Ana Carolina C. Viotti: A ideia de raça, aliás, aparece em suas recentes pesquisas, inclusive uma em desenvolvimento, não é? Acaba sendo um esforço de sua parte em pensar a ideia de raça sobre outro prisma, auxiliando, talvez, a solucionar esses "mal-entendidos" identificados pelas críticas ao outro livro?

Professora Rebecca Earle: Sim, talvez. Trata-se de um projeto diferente, mas certamente relacionado a pensar a ideia de identidade, o universo

mental de um grupo específico de pessoas num determinado período de tempo. Debruço-me, agora, sobre o que ficou conhecido como "*pintura de castas*", que eu acho fascinantes, são pinturas simplesmente extraordinárias! Um das coisas que mais me chamam a atenção nessas imagens é que, quem quer que as veja pela primeira vez, acaba impressionado pelo fato de que elas tenham existido, tenham sido pensadas. Eu mesma fiquei.

Para explicar brevemente, essas pinturas procuram mostrar os possíveis resultados da mistura de raças. Por exemplo, há um homem, uma mulher e um bebê, com uma legenda que diz: "de um homem espanhol e uma mulher *mulata*, nasce um *morizco*". E há essas etiquetas indicando ciclos diferentes, sobre o que aconteceria se um espanhol tivesse uma criança com uma índia – aí você tem um *mestizo* –, se um espanhol tivesse uma criança com uma *mulata* – terá um *morizco* –, e se tivesse um espanhol tiver um filho com uma *morizca* – nascerá um *albino* –, entre outras possibilidades. [Em mais um exemplo, de um espanhol e uma negra, nasce um mulato, como ilustra a pintura presente na figura 1, apresentada a seguir, e que foi retirada da página de pesquisas da Professora Earle, indicada na primeira nota desse texto].



Figura 1 - José de Paez, De Español, y Negra, Produce Mulato

Daí, temos uma série de belas pinturas em um ambiente doméstico, ou em locais públicos, que nos contam histórias.

Nesse projeto, em especial, quero entender como a "raça" opera nessas pinturas. Como a ideia de raça presente nessas pinturas dialoga – reafirma ou não? – as maneiras pelas quais os pesquisadores trataram as relações raciais na América Espanhola colonial. Ainda, no fim, qual seria a função dessas pinturas? Um outro ponto interessante sobre as imagens é que há pouca documentação sobre elas: há muitas esculturas e pinturas mas pouco material escrito acerca delas. Criar teses sobre as pinturas acaba sendo um desafio interpretativo para os historiadores, já que elas não vem com um confortável discurso escrito sobre si. Quero entender o que essas pinturas representaram visualmente e o porquê de terem sido tão populares. Então, certamente vou tratar da ideia de raça, mas a partir de outro questionamento.

Ana Carolina C. Viotti: A senhora acredita que o conhecimento, controle e distinção na alimentação pelos colonizadores podem ser entendidos como um campo de disputa de valores, quando afirma que, cito-a, "a alimentação foi crucial para o exercício de uma nova tática biopolítica de governança usada por estados modernos". Em outras palavras, o "comer" pode ser visto como uma prática educativa e braço de um projeto colonizador para a América espanhola?

Professora Rebecca Earle: Sem dúvidas. E essa citação é parte de um projeto que desenvolvo sobre batatas, não é? É nele que meus esforços estão concentrados no momento. Pode soar engraçado, mas é verdade: sobre batatas.

Bom, o que tem me interessado é traçar a história a partir de uma inquietação contemporânea, isto é, na relação entre Estado e indivíduo, no que concerne ao que o individuo come. No Ocidente, atualmente – e vou falar especificamente do Ocidente por não ter as informações necessárias para tratar disso no Oriente – há uma ideia bastante forte sobre o que a pessoa decide consumir como alimento e o bem estar social, do Estado. Há dimensões da relação entre escolha pessoal e alimentação, por exemplo, na saúde pública, há questões sobre a segurança alimentar e sobre soberania e alimentação; quer dizer, no fim, o que você escolhe tem grande impacto em questões de bem estar nacional.

Meu interesse, assim, é o de entender como essa relação entre indivíduo e sociedade, nessa esfera, se desenvolveu. Há diversos trabalhos sobre *biopolítica* e a manifestação de questões nesse sentido – creio que Foucault tratou muito bem da emergência desse "corpo dócil" que atua sem coerção para assuntos que são de interesse do Estado –, porém os estudiosos prestam muito pouca atenção na comida, na alimentação; essa matéria é completa-

mente ausente nas pesquisas. Há, sim, muitos escritos sobre disciplina ou cuidados de si, mas não sobre dietética. Fiquei interessada sobre como a dieta é nitidamente parte dessa história, é claro que o que as pessoas decidiam comer compunha esse processo de alinhamento entre seus corpos com os interesses do Estado.

Creio que esse processo, onde as pessoas passam a acreditar na importância de suas escolhas de consumo não apenas para si, mas para um projeto maior do Estado, data do século XVIII. E, como se pode supor, esse processo se desenvolveu de diferentes formas nos espaços coloniais e nas metrópoles. Ainda assim, quero pensar sobre como a mesma ideologia foi utilizada para justificar o incentivo às pessoas comerem determinadas coisas e não comerem outras nas colônias e nas metrópoles. Pode parecer meio abstrato de saída, mas é esse meu alvo quando proponho o projeto sobre as batatas.

Interessantemente e por razões diversas – que não vou desdobrar muito aqui, para não se tornar demasiado extenso –, as batatas se tornaram particularmente importantes ao Estado Moderno. As batatas eram vistas como um alimento especialmente bom, que as pessoas deveriam comer com bastante frequência. Isso culminou em uma grande promoção do consumo da batata – e isso por toda a Europa Ocidental: Espanha, Alemanha, Noruega, França, Rússia, Inglaterra, só para dar alguns exemplos. São, aliás, muitos os agentes históricos que dão uma palavra positiva sobre a ingestão do tubérculo: filósofos, políticos, economistas, padres... Nesse sentido, me interessa pensar em como esse encorajamento para que as pessoas comessem batatas é, no geral, parte de um projeto para que as pessoas tivessem uma dieta considerada "adequada", seja lá o que isso pode significar em cada tempo. Como, pois, isso teria se manifestado nas relações da Europa com suas colônias?

Embora essa não seja a parte da pesquisa que eu tenha desenvolvido, posso dizer sobre: como se sabe, as batatas vêm da América do Sul, onde eram largamente consumidas, e esse consumo tinha um significado especial – um componente racial, um componente cultural, quase de classe. Estou curiosa em explorar, a partir desses elementos que apontei brevemente, como as diretrizes do Estado Moderno, vindas especialmente da Espanha, enfatizavam o quanto boas eram as batatas. Como isso se manifestou, também, na América Espanhola? Ainda não sei as respostas, mas quero entender quais aspectos desse projeto de modernidade tão amplo foram úteis e significativos nos espaços coloniais e quais, ao contrário, não o foram. Acabamos compondo, no fim, um projeto de *global history* do Estado Moderno.

Ana Carolina C. Viotti: Além da alimentação, outros aspectos concernentes ao corpo já foram objeto de suas reflexões, como a vestimenta indígena. Poderia falar-nos mais sobre as possibilidades de entender as relações estabelecidas na sociedade colonial americana a partir de aspectos corporais?

Professora Rebecca Earle: Sim, acredito que essa questão é bastante relacionada aos possíveis significados de raça, anteriormente pontuados. Quando eu comecei a pesquisar sobre vestimentas, estava claro para mim que quando alguém falava de casta, ou qualidade, ou condição ou raça na América colonial, era de uma forma significativamente diferente da que as pessoas dos séculos XX ou XXI pensavam. Interessei-me, assim, pelos limites do corpo: essas eram questões que estavam ligadas claramente ao corpo físico. Mas o corpo era entendido como uma fronteira diferente daquela que nós podemos pensar.

A forma pela qual suas roupas eram, ao fim, parte do seu corpo, foi o que me atraiu. Sua raça era entendida também pela maneira de se vestir. Se se tomasse alguém e lhe retirasse as roupas, seria bem complicado para um indivíduo dos séculos XVII ou XVIII identificar a qual raça esse sujeito pertencia. Hoje, pensamos que a primeira coisa a fazer é tirar toda a roupa – remover todos os traços culturais exteriores – e, dessa forma, definir sua raça. Diríamos, "sim, raça é uma construção social, mas também é entendida como uma condição física". Em resumo, entender as vestimentas como parte da construção racial foi um dos meus grandes interesses.

Relacionando essa questão com a alimentação – a comida que você consume dá sustento, forma e modifica seu corpo físico – me faz pensar que a relação entre o ambiente e o corpo físico se dava de uma forma bastante fluída e porosa; creio que é essa a conexão: seu corpo físico está intimamente ligado ao estilo de vida, com a comida que você come, as roupas com que se veste, com os exercícios que você pratica.

Ana Carolina C. Viotti: Para finalizar, a senhora poderia falar um pouco sobre a atual produção historiográfica americanista, especialmente àquela anglófona? Quais as discussões e desafios para os estudiosos da América Latina hoje?

Professora Rebecca Earle: O que mais me surpreendeu na historiografia ibero-americana nos últimos dez anos são as novas geografias que têm sido moldadas para se pensar o passado e que têm dado à América Latina uma nova importância. O corpo historiográfico latino-americanista mais significativo em inglês, no que concerne ao período colonial, é ainda sobre o "mundo inglês". Por muito tempo, as pessoas que trabalhavam com o mundo colonial americano, nos séculos XVIII e XIX especialmente, se voltaram para a América do Norte e não prestaram muita atenção na América Latina, em geral. Eles recebiam bolsas diferentes, iam a eventos diferentes, publicavam em periódicos específicos.

Outra visada passou a acontecer com o desenvolvimento da ideia de "mundo atlântico" como espaço de análise; os pesquisadores passaram a se

interessar nas conexões entre Inglaterra e suas colônias, a Europa e todo o "mundo atlântico". Num primeiro momento, esses novos espaços suscitaram reflexões sobre como a América do Norte e o Caribe comporiam os mesmos espaços de análise, e não mais pesquisas exclusivas sobre o Caribe ou sobre a América do Norte. Isso, de fato, desestabilizou a geografia até então estabelecida. Alguém que quisesse pensar sobre as colônias britânicas do século XVII, por exemplo, passou a repensar de que maneira esses espaços deveriam ser vislumbrados.

Acredito que parte desse movimento é resultado do aumento da projeção de pesquisadores latino-americanos e no cenário historiográfico mundial, especialmente na Academia dos Estados Unidos da América, que passaram a dizer aos demais pesquisadores que eles deveriam prestar mais atenção na América como um todo.

Pensar o mundo atlântico abriu inúmeras possibilidades de pesquisa. A porção lusófona ainda não é tão alvejada, embora possamos perceber um aumento no interesse pelas publicações; mas o mundo de hispanófono é tomado fortemente para análise numa perspectiva "hemisférica" do mundo colonial. Quando se pensa no Atlântico, não é mais sobre o seu norte, mas nas intensas ligações que ele proporcionou, notadamente com a África. Há muitos pesquisadores de renome voltando seus olhos para a Angola, por exemplo. Olha-se para as conexões entre a África Ocidental, o Brasil e o Caribe, num espaço muito expandido. Isso é muito interessante.

Esse tipo de abordagem, como disse, essas novas geografias, interferem também na forma pela qual a historiografia sobre a Europa pensa e trata seus objetos: também não é mais possível ficar restrita aos espaços nacionais. É cada vez mais difícil dizer que se estuda exclusivamente a França no século XVII. Até a França oitocentista pode demandar uma análise que dialogue com o contexto de colonialismo e imperialismo mais diretamente. Em resumo, essas são as modificações que percebo e que, creio, são realmente excitantes para os novos estudos.

Referências

EARLE, R. **Spain and the Independence of Colombia.** Exeter: University of Exeter Press, 2000.

EARLE, R. Nationalism and National Costume in Spanish America. In: ROCES, Roces, EDWARDS, Louise (org). ***The Politics of Dress in Asia and the Americas.*** Eastbourne: Sussex Academic Press, 2007, pp. 163-181.

EARLE, R. **The Return of the Native**: Indians and Mythmaking in Spanish America, 1810-1930. Durham: Duke University Press, 2008.

EARLE, R. 'European Cuisine and the Columbian Exchange', ***Food and History,*** vol. 7:1, 2010, pp. 1-102.

EARLE, R. 'If You Eat Their Food…': Diets and Bodies in Early Colonial Spanish America', **American Historical Review**, vol. 115:3, 2010, pp. 688-713.

EARLE, R. Clothing and Ethnicity in Colonial Spanish America. In: RIELLO, Giorgio, MCNEILL, Peter. **The Fashion History Reader**: Global Perspectives. London: Routledge, 2010, pp. 383-5.

EARLE, R. **The Body of the Conquistador**: Food, Race and the Colonial Experience in Spanish America, 1492-1700. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

Entrevista recebida em 19-06-2014, revisada em 14-10-2014 e aceita para publicação em 27-10-2014.